

EDITORIAL DA REVISTA INTERCÂMBIO

Tecnologias, mídias e EaD na era global-digital

O mundo parou. 2020 será lembrado como o ano da Covid-19, doença causada pelo novo tipo de coronavírus. A pandemia que mudou a maneira de agir e viver de todos nós. A maior crise sanitária da história da humanidade, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Tempos de mudanças na saúde, na economia, na política, na educação e na cultura. A sociedade, em geral, precisou se readaptar. Para muitos de nós, essa readaptação não foi tarefa fácil. Nosso dia a dia também mudou. Precisamos ficar (mais) em casa, em quarentena, e readaptar nossas rotinas de trabalho, nossas vidas pessoais, e por que não falar também de readaptação de nossas emoções e de nossos sentimentos?

O isolamento social foi mais do que necessário. Na verdade, foi uma determinação para nos salvar e salvar outras pessoas. Abraçar, dar um aperto de mão ou beijar um(a) amigo(a) ou uma pessoa da família, por exemplo, tornaram-se formas de contágio do novo coronavírus. As relações interpessoais mudaram, de fato. O uso de máscaras, de luvas e de álcool gel tornaram-se itens mais do que obrigatórios em nossa rotina. Tudo para nossa proteção!

O mundo globalizado da Covid-19 nos forçou a ficar longe dos espaços de trabalho. Começamos a trabalhar remotamente, em *home office*. As escolas, universidades e faculdades fecharam. Aulas presenciais foram suspensas. Professores, alunos e pais precisaram encontrar novas alternativas de ensino. Os lares das famílias se tornaram a "nova escola". Crianças, jovens e adultos passaram a estudar on-line para manter o calendário escolar/acadêmico. Novas mudanças! Escolher um espaço da casa ou do apartamento, determinar horários e criar um planejamento de estudo foram, com certeza, desafios enfrentados por todos para continuar aprendendo nesta pandemia.

Será que conseguimos (ou conseguiremos) dar conta do currículo? Professores e alunos se adaptaram ao ensino on-line? Todos os alunos (e professores) têm acesso fácil à Internet e a um computador em casa? Pais estão preparados para auxiliar as tarefas escolares de seus filhos? Essas são apenas algumas perguntas, dentre tantas, que nos fazemos em tempos de pandemia. Infelizmente, a migração do analógico para a educação on-line não é sinônimo de mudanças positivas, na maioria das vezes. Faz-se necessário entender suas possibilidades e limitações no processo de ensino-aprendizagem.

Professores com pouca ou nenhuma familiaridade com tecnologias passaram, repentinamente, a planejar suas aulas mediadas pelo

computador e a ter de entender o funcionamento das ferramentas tecnológicas. Os encontros deixam de ser presenciais e passam a ser on-line, ou melhor, a distância. É importante lembrar que o que está sendo proposto nos documentos atuais não é Educação a Distância (EaD). Existe uma diferença entre Ensino remoto e EaD. O primeiro refere-se ao uso de meios e tecnologias digitais da informação e comunicação para substituir as aulas presenciais, enquanto EaD é uma modalidade educacional.

Professores, alunos, diretores, gestores, pedagogos e famílias não estavam preparados para mudanças tão bruscas, para maneiras diferentes de ensinar e aprender. De uma hora para outra, passamos a lidar com problemas de conexão, com falta de computador e de acesso à Internet (e não estamos falando apenas de famílias de baixa renda; as famílias de classe média também sofrem com o mesmo problema!), com alunos e professores mais desmotivados, ou seja, em tempos de pandemia, a aprendizagem passou a ser mais difícil.

O momento não é de total desânimo e de desespero, mas de aprendizagem para todos nós. As tecnologias e mídias digitais estão a serviço da escola/da universidade, razão pela qual é mais do que importante formar o professor para práticas educacionais mediadas pelo uso funcional das tecnologias e mídias digitais. Tarefas das secretarias estaduais e municipais, e dos cursos de Licenciatura e de Pedagogia. Esta pandemia deixar-nos-á uma herança, dentre tantas: a aprendizagem pode acontecer em qualquer lugar e em qualquer tempo, seja on-line ou *off line*.

Neste cenário pandêmico de transformação, de ressignificação e de desafios, as tecnologias, as mídias digitais e a EaD são temas da Edição da Revista Intercâmbio. Os artigos reforçam a pesquisa científica de diversas regiões brasileiras e Instituições de Ensino Superior (IES), e logram um diálogo entre a Linguística Aplicada e outras áreas do conhecimento. Os temas deste número voltam-se para pesquisas relacionadas às redes sociais, aos jogos digitais, ao uso de *smartphone*, à aprendizagem de habilidades linguísticas de inglês com tecnologias, à Educação a Distância e à Telecolaboração. As pesquisas tentam mostrar as potencialidades das tecnologias, das mídias digitais e da EaD em diferentes contextos de ensino-aprendizagem, além de ampliar a difusão de experiências sócio-histórico-culturais e linguísticas contemporâneas de diferentes pesquisadores.

O artigo que abre esta edição, **A compreensão e a produção colaborativa de gêneros multimodais: da sala de aula ao Instagram**, de Fernanda Franco Tiraboschi, Francisco José Quaresma de Figueiredo e Marco André Franco de Araújo, aborda práticas multiletradas de sete alunos de um curso técnico integrado ao ensino médio do Instituto Federal de Goiás (IFGO) para a compreensão e produção escrita em inglês de textos publicitários (anúncios e campanhas publicitárias), a partir da produção colaborativa de gêneros

digitais. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso e os autores adotam um questionário e narrativas de aprendizagem para coletar as percepções dos alunos em relação à contribuição do *Instagram* para publicação de textos produzidos no ambiente escolar. As atividades foram divididas em três fases: (a) leitura de um artigo em inglês sobre a relação entre os anúncios publicitários e o consumismo, com momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura; (b) produção colaborativa, em formato digital, de um texto publicitário em inglês; e (c) postagem dos textos na mídia social *Instagram*. Os resultados mostram, por exemplo, a motivação dos alunos na aprendizagem de inglês, o fomento de práticas de letramentos digital e multimodal dos alunos, e a integração de gêneros com funções sociocomunicativas no contexto escolar.

O segundo artigo, **Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do *Skoob***, Júlio Araújo, Melissa Maria do Nascimento Sousa e Janaina Cavalcanti discutem o papel dos resenhadores como genuínos membros de uma comunidade discursiva da rede social-literária *Skoob*. Com base na teoria de gêneros textuais de Swales (1990, 1992, 1998, 2004), os autores analisam as resenhas de livros com foco na interação entre os usuários e os resenhadores do *Skoob* por meio do item “comentários” (comentários de juízo de valor – avaliação positiva ou negativa), da identificação de movimentos retóricos e do léxico específico das resenhas publicadas na rede social. A pesquisa caracteriza-se como etnográfica. A análise dos autores revela que os resenhadores do *Skoob* constituem-se em uma autêntica comunidade discursiva. Além da resenha, os gêneros comentário, chat de bate-papo e sinopse são também manuseados pelos resenhadores. Outra constatação revelada é a ajuda aos resenhadores mais novos e aos comentários das resenhas uns dos outros, com um léxico específico dessa comunidade discursiva.

No terceiro artigo, **O professor cívrido: o *Instagram* como mídia de apoio à educação no Ensino Superior**, Fernando Miguel Teixeira da Silva Coelho, Maurício José Morais Costa e João Batista Bottentuit Junior defendem o ensino híbrido, cívrido com o uso do *Instagram* no contexto acadêmico. Os autores apresentam uma pesquisa de cunho exploratória e descritiva a partir do levantamento de estudos na literatura. Nessa caminhada, apontam cinco elementos relevantes para o processo de elaboração de recursos instrucionais para o *Instagram*, que devem ser considerados pelo professor, quais sejam: (a) estética (descrição do perfil, *layout* de página), (b) conteúdo (temas que serão trabalhados e periodicidade), (c) formatos (conteúdo interrelacionado com as possibilidades de usabilidade da plataforma), (d) interação (sistema de relacionamento entre o professor e a audiência) e (e) colaboração (abertura para conversa e interação). Os autores reconhecem a potencialidade do *Instragam* como uma plataforma digital para o ensino-aprendizagem.

No quarto artigo, **Estratégias neurodidáticas para a incorporação de jogos digitais ao processo de ensino e aprendizagem**, Daniela Karine Ramos e João Mattar tratam da contribuição do uso de jogos digitais como estratégias neurodidáticas para melhorar o desempenho cognitivo de crianças. A pesquisa foi realizada com duas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal, totalizando 40 crianças. O primeiro grupo de crianças (grupo experimental) participou das atividades com jogos digitais. O segundo grupo (grupo controle) realizou as atividades sem os jogos digitais. Os dados foram coletados por meio da aplicação coletiva de dois subtestes da Escala Wechsler de Inteligência para Crianças (WISC-IV) e de uma entrevista semiestruturada. Os autores concluem que o grupo de crianças teve melhor desempenho de velocidade de processamento cognitivo na aprendizagem ao usarem jogos digitais. Ademais, os resultados também sugerem que essas crianças ficaram mais motivadas para aprender e mais sociáveis com seus colegas.

O quinto artigo, **Agnação e multimodalidade em localizações do jogo digital GTA V (2013): uma análise sociossemiótica**, Johwyson da Silva Rodrigues propõe analisar a tradução para o português brasileiro do jogo digital *GTA V* (jogos da série *Grand Theft Auto*) em dois momentos: a dublada pelos fãs e a legendada oficialmente, a partir das noções de agnação e multimodalidade. O foco central da tradução está apenas nos diálogos orais em inglês das cenas iniciais do jogo. O objetivo do autor é investigar algumas escolhas tradutórias que ocorrem nas retextualizações que possam contribuir para os estudos da estrangeirização e da domesticação. Para tanto, apoia-se nos Estudos de Tradução, especificamente, na Localização de Jogos Digitais (LJD), e na Linguística Sistêmico-Funcional, a saber, na Semiótica Social de Halliday. Sua análise revela que a localização dublada por fãs, ao contrário da legendagem oficial, tende a distanciar-se do texto de partida por meio de retextualizações, com base em escolhas semanticamente e culturalmente ágnatas, não sendo, no entanto, de qualidade duvidosa ou alvo de desmerecimento.

No sexto artigo, intitulado **Smartphones no intervalo escolar: um estudo no Instituto Federal de Sergipe – campus São Cristovão**, Paulo Boa Sorte e Laila Gardênia Viana Silva propõem a investigar os conteúdos produzidos e acessados por alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio por meio do uso de *smartphones*, durante o intervalo escolar. A pesquisa foi realizada em 2019 e os dados foram gerados por meio da aplicação de questionários on-line, com alunos matriculados no 1º ano dos cursos de Agroindústria, Agropecuária e Manutenção, e Suporte em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, *campus* São Cristovão. Os resultados mostraram que os principais conteúdos produzidos e acessados pelos jovens da pesquisa são: (a) o compartilhamento e as produções de informações por meio de imagem,

(b) o acesso às mídias sociais por meio de música e jogos e (c) a busca por temas de interesses, como computação, esporte, beleza, celebridade, relacionamentos, sexo e sexualidade e política. A pesquisa também apontou temas pouco acessados entre os jovens, quais sejam: informações acerca da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e drogas.

O sétimo artigo, **"Olha, teacher, acho que dá pra gente usar isso na sala de aula, né?" – Diferentes usos de Tecnologias Digitais no desenvolvimento da produção oral da língua inglesa em contexto da escola pública pelo viés da teoria sociocultural**, de autorias de Marlon Machado Oliveira Rio e Christine Siqueira Nicolaides, mostra o uso de tecnologias digitais no desenvolvimento da produção oral em inglês de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública localizada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os autores se baseiam nos construtos teóricos de Vygotsky (1997, 2005) e Wertsch (1993) sob a perspectiva sociocultural. Um questionário foi aplicado aos dez alunos durante o período da pesquisa, com duração de quatro meses. Além disso, aplicativos como *Duolingo*, *WhatsApp*, *YouTube* e *Memrise* foram usados para a realização de seis tarefas orais em inglês por meio do Projeto *My city – my world*. A professora da turma e o pesquisador, um dos autores do artigo, também participaram da pesquisa. Os autores mostram que as tecnologias digitais propiciam o desenvolvimento da produção oral em inglês entre os alunos da pesquisa, apesar das dificuldades enfrentadas por eles e também pela professora da turma.

No oitavo artigo, **Apropriações das tecnologias digitais na aprendizagem de inglês**, Marcus de Souza Araújo e Lucas Thadeu Vulcão da Rocha investigam o uso das tecnologias digitais na aprendizagem de inglês como língua estrangeira (ILE). A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso e foi desenvolvida com duas turmas do curso de Letras-Inglês, com a participação de trinta e um alunos no total. Um questionário foi aplicado para a coleta, análise e interpretação dos dados. Concluem os autores que o uso educacional das tecnologias pode tornar os alunos proficientes na língua-alvo, motivados a aprender reflexivamente e a buscar informações de maneira autônoma, além de construir conhecimento de maneira colaborativa. Dessa forma, a importância das tecnologias digitais (computador, Internet, telefone celular, por exemplo) para a/na sala de aula no ensino e na aprendizagem de inglês pode contribuir para o aluno desenvolver competências orais e escritas para o aluno, pensamento crítico e colaboração entre pares (professor-aluno, aluno-professor ou aluno-aluno, por exemplo) por meio do uso das tecnologias, envolvendo o aluno em práticas reais e comunicativas de linguagem, fomentando, assim, seu letramento digital.

O nono artigo, **Repensando a relação entre metodologia, tecnologia e formação docente no ensino de línguas**, de autorias

de Heloísa de Albuquerque-Costa, Mônica Ferreira Mayrink e Rosângela Dantas de Oliveira, tematiza uma discussão teórica entre a relação do pós-método, de metodologias e do ensino de línguas estrangeiras em cursos de graduação e pós-graduação de duas Instituições de Ensino Superior (IES) de São Paulo. Para tanto, as autoras traçam uma retrospectiva dos métodos e das abordagens de ensino de línguas estrangeiras e as relações com as tecnologias. Na sequência, a pedagogia do pós-método é discutida sob a concepção de Kumaravadivelu (1994, 2001 e 2003), com foco nos parâmetros da particularidade, praticidade e possibilidade. Apresentam também as metodologias ativas sala de aula invertida e aprendizagem baseada em projetos como práticas colaborativas para a construção do conhecimento. Os resultados indicam as tecnologias como ferramentas mediadoras de transformação no processo de ensino e aprendizagem.

O décimo artigo, **Avaliação em curso a distância de formação de professores**, Maria Aparecida Caltabiano e Elizabeth Mara Pow refletem o processo de avaliação de um dos módulos do curso de aperfeiçoamento *Teachers' Links: Reflexão e Desenvolvimento para Professores de Inglês*, com carga horária total de 270 h, ofertado pela PUC-SP para docentes da rede pública do Estado de São Paulo, na modalidade a distância. O curso estava constituído por três módulos semestrais com carga horária de 90 h cada. O foco do artigo recai sobre o módulo *Desenvolvimento da Autonomia e a Sala de Aula: Reflexão sobre Planejamento e Materiais de Ensino* que objetiva na autonomia para o planejamento de aulas e na elaboração de material didático. Apresentam e discutem as formas de avaliação do módulo em análise que envolviam vídeos e áudios, ferramentas de produção individual como *Tarefa* ou *Diário* (no caso do Moodle) e de interação entre os participantes, como *Fórum* de discussão. O processo de avaliação do módulo em questão oportunizou aos participantes uma postura crítica e autônoma em relação aos seus processos de aprendizagens.

No décimo primeiro artigo, **Estudo exploratório da avaliação dos estudantes de um curso de formação pedagógica de docentes na modalidade a distância**, Ana Paula Barbosa, Marcio Vinícius Corrallo e Osvaldo Canato Júnior propõem olhar as impressões de estudantes de Pedagogia sobre cinco disciplinas do Curso na modalidade de Educação a Distância (EaD), ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* São Paulo capital. Esses alunos são professores de áreas técnicas do próprio Instituto. Os dados foram gerados por meio da aplicação de um questionário com escala *likert* e da análise da árvore máxima de similitude. Os resultados da análise mostram que os alunos da pesquisa sentem falta de aulas expositivas e veem o uso de conteúdos pedagógicos autorais e o comprometimento de professores e tutores do curso como aspectos positivos.

Concluindo esta edição, Carlos Alberto Hildeblando Júnior e Kyria Rebeca Finardi apresentam o décimo segundo artigo, **Telecolaboração e internacionalização do ensino superior: reflexões a partir da pandemia Covid-19**. O foco central é propor uma análise para as possibilidades da telecolaboração, como espaço de socialização, aprendizado e internacionalização no ensino acadêmico. São levados em consideração o contexto atual de pandemia da Covid-19, já que é necessário manter o distanciamento social, e a migração de atividades acadêmicas para o ambiente virtual. Os autores discutem modelos de Telecolaboração no ensino e na aprendizagem, como, por exemplo, aprendizagem em *Tandem*, *eTandem*, *Teletandem*, Telecolaboração, Telecolaboração 2.0 e *Collaborative Online International Learning* (COIL). Além disso, apresentam uma reflexão acerca do potencial da telecolaboração para a internacionalização. Um fator observado foi a importância das tecnologias na educação para mobilidade virtual de professores e alunos nesses tempos de pandemia.

Esperamos, assim, que a leitura dos artigos deste número temático da Revista Intercâmbio traga reflexões para o uso e a apropriação das tecnologias, das mídias digitais e da EaD nos tempos atuais e possa contribuir para a formação acadêmica de profissionais com interesse em pesquisa nas áreas supracitadas.

Finalmente, agradecemos às Professora Doutoras Sandra Madureira e Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva, pela oportunidade e confiança a nós depositada para organizarmos esta edição temática, aos pesquisadores que compartilharam suas produções, aos colegas de diferentes Instituições de Ensino por aceitarem prontamente o convite para serem pareceristas nesta edição e por suas leituras cuidadosas e sugestões apontadas aos autores. Muito obrigado(a) a todos(as)!

Marcus de Souza Araújo (UFPA)¹

Maria Aparecida Gazotti-Vallim (IFSP)²

(Organizadores)

1 Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP. Professor da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) e do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), ambos da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: marcusaraujo@ufpa.br

2 Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP. Professora do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). E-mail: cgazotti@gmail.com